



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ANA FLÁVIA SARAIVA BRAGA

**VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÃO ESCOLAR NO AUXÍLIO DA INCLUSÃO DE ALUNO
COM SÍNDROME DE DOWN EM ESCOLA PARTICULAR**

CASTANHAL-PA
2023

S243v Saraiva Braga, Ana Flávia.
Vivências de medicação escolar no auxílio da inclusão de aluno
com Síndrome de Down em escola particular / Ana Flávia Saraiva
Braga, Carlos José Trindade da. — 2023.
21 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos José Trindade da Rocha
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Faculdade de
Pedagogia, Castanhal, 2023.

1. Inclusão . 2. Mediação Escolar . 3. Síndrome de Down .
4. Pedagogia . I. Título.

ANA FLÁVIA SARAIVA BRAGA

**VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÃO ESCOLAR NO AUXÍLIO DA INCLUSÃO DE ALUNO
COM SÍNDROME DE DOWN EM ESCOLA PARTICULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia (FAPED) da Universidade Federal do Pará/CCAST (UFPA/CCAST) como requisito para obtenção do grau de licenciatura em pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos José Trindade da Rocha

Dedico este trabalho a minha família e meus irmãos em Cristo, que me apoiaram e me incentivaram com palavras de incentivo e orações. Aos professores da FAPED – CCAST/UFPA, e aos meus colegas de classe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu amado Jesus, hoje posso ver que Ele fez novas todas as coisas e me deu infinitas forças para concluir esse trabalho, *tanks* Jesus. “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos”(Provérbios 16.3).

À minha família por todo apoio e incentivo durante esse tempo, em especial a minha irmã Fabiana que me instigou nesta pesquisa com palavras de ânimo e descontração.

Ao meu namorado Ryckson Eros por me animar e me confortar durante todo este trajeto e principalmente, por me incentivar a ir além das minhas expectativas.

Às minhas colegas de classe por todo ânimo e ajuda durante este período, fico feliz que todas conseguimos alcançar a linha de chegada.

Ao meu orientador, professor Carlos Rocha que em meio às férias esteve me ouvindo e me auxiliando na escrita desta pesquisa.

A minha professora da disciplina de Educação Inclusiva Milene Leal por todo conhecimento transferido, obrigada por me incentivar nessa área.

À equipe de professores da FAPED UFPA - Campus Castanhal, agradeço imensamente a todo conhecimento compartilhado durante o trajeto na vida acadêmica, grata a cada um.

À UFPA por me proporcionar vivenciar experiências na área em que decidi seguir, permitindo me desenvolver e amadurecer profissionalmente.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ATA DE REALIZAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO/TCC

Professor (a) Orientador (a) CARLOS JOSÉ TRINDADE DA ROCHA

Nome(s) do(s) Graduando(s):

ANA FLÁVIA SARAIVA BRAGA

Matricula 20191854.010

Ao(s) 18 dia(s) do mês de SETEMBRO do ano 2023 às 17 horas, reuniu-se a Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso/TCC, parte do processo de avaliação do curso para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, no Campus Universitário de Castanhal. A Banca Examinadora foi constituída pelo(s) seguintes Professores:

1. CARLOS JOSÉ TRINDADE DA ROCHA
2. ASSUNÇÃO JOSÉ PIREZA AMARAL
3. MILENE VASCONCELOS LEAL
4. TELMA NAZARÉ DE SOUSA FERREIRA
5. LEIDE DAIANE DOS ANJOS MARTINS

O TCC foi intitulado VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÃO ESCOLAR NO AUXÍLIO DA INCLUSÃO DE ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN EM ESCOLA PARTICULAR

Abertos os trabalhos o(s) candidato(s) acima citados apresentaram o TCC, com a duração de 30 (trinta) minutos. Ao final da exposição a banca examinadora reunindo-se, e atribuiu o seguinte resultado:

() Aprovado com conceito final _____

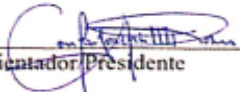
(X) Aprovado com ressalvas, com o conceito final EXCELENTE

Ressalvas REVISÕES GRAMATICAIS

() Reprovado

E para constar, foi lavrada a seguinte ATA, que depois de lida e aprovada, vai assinada pelos professores que compõe a Banca Examinadora.

Castanhal, 18 de setembro de 2023.


Orientador/Presidente


Membro interno


Membro interno


Membro (convitado)


Membro (convitado)

SUMÁRIO

RESUMO	8
INTRODUÇÃO	8
PERCURSO METODOLÓGICO	9
CONSIDERAÇÕES SOBRE A SÍNDROME DE DOWN	10
MEDIADOR ESCOLAR	11
VIVÊNCIAS NAS MEDIAÇÕES DE OBSERVAÇÕES PARTICIPANTE	12
VIVÊNCIAS NAS MEDIAÇÕES SÓCIO EMOCIONAIS	14
VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÕES EM INTERAÇÕES SOCIAIS	15
VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	16
CONSIDERAÇÕES MEDIADORAS	17
REFERÊNCIAS	18
ANEXO	21

VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÃO ESCOLAR NO AUXÍLIO DA INCLUSÃO DE ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN EM ESCOLA PARTICULAR

Ana Flávia Braga¹

RESUMO

A pesquisa objetiva relatar as vivências de uma mediadora escolar no auxílio da inclusão de alunos com Síndrome de Down (SD) em escola particular. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa e descritiva com utilização de observação participante, caderno de campo e narrativas calcadas nas relações de intermediação entre mediadora e uma aluna do 9.º ano do ensino fundamental de escola particular do município de Castanhal/Pará. As vivências de mediações pedagógicas realizadas na escola particular foram de constante aprendizado, com frustrações ao construir expectativas, porém, com conquistas significativas e de uma alegria imensurável. A mediação escolar permitiu uma relação com a aluna de forma afetuosa, com carinho e perspicácia, gerando autonomia da aluna. Conclui-se, que é importante que o aluno com SD tenha conhecimento sobre as próprias dificuldades e sobre a necessidade da presença da mediação escolar em seu cotidiano, enfatizando a necessidade de garantir mediações efetivas através do investimento no âmbito familiar, buscando estímulos para o desenvolvimento adequado da criança SD.

Palavras-chave: Inclusão; Síndrome de Down; Mediação Escolar; Pedagogia.

ABSTRACT

The objective research reports the experiences of a school mediator in helping to include students with Down Syndrome (DS) in a private school. The methodology used is a qualitative and descriptive approach using participant observation, a field notebook and narratives based on intermediation relationships between the mediator and a 9th grade student at a private school in the municipality of Castanhal/Pará. The experiences of pedagogical mediations carried out in the private school were of constant learning, with frustrations when building expectations, but with significant achievements and immeasurable joy. School mediation allowed a relationship with the student in an affectionate way, with affection and insight, generating student autonomy. It is concluded that it is important for SD students to have knowledge about their own difficulties and the need for school mediation to be present in their daily lives, emphasizing the need to guarantee effective mediations through investment in the family environment, seeking stimuli for adequate development of the SD child.

Keywords: Inclusion, Down Syndrome, School Mediation, Pedagogy

INTRODUÇÃO

A partir da Convenção de Salamanca em 1994, a mediação escolar passou a se tornar mais frequente. Desde então, as instituições de ensino tiveram que incluir todas as crianças

¹ Acadêmica do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal – UFPA/CCAST. E-mail: flaviasaraiva1912@gmail.com

que careciam de uma ajuda mais especializada em sala de aula. Entretanto, fazer valer o direito à educação para todos não se limita exclusivamente a cumprir com o que está na lei e aplicá-la indiscriminadamente às situações pedagógicas que envolvem o cotidiano dos alunos (CARVALHO, 2017).

Diante da filosofia de inclusão como um movimento mundial, as escolas de todo o mundo tiveram que dar conta de incluir crianças que precisavam de ajuda em classes já existentes, por vezes com grande número de alunos e professores, cuja formação não havia se preocupado com esses aspectos (MOUSINHO *et al.*, 2010).

Nesse contexto, algumas pesquisas (CARVALHO, 2017; MOUSINHO *et al.*, 2010; VOIVODIC, 2007) sobre inclusão de alunos com síndrome de Down em escolas de ensino regular, revelam que há dificuldades e desorientações das escolas em conduzir o processo de inclusão. Ainda é frágil a proposta de inclusão das escolas e o recebimento de crianças com deficiência sem um apoio externo adequado parece revelar ainda mais a sua vulnerabilidade.

A partir daí, como ressalta Carvalho (2017), surge a figura do mediador escolar como um profissional que auxilia a criança no processo de adaptação afetiva e acadêmica. No entanto, fazer valer o direito à educação para todos não se limita a simplesmente aplicar a lei indiscriminadamente às situações escolares. É preciso pensar nesse assunto com um entendimento mais profundo sobre a questão.

Esta pesquisa se justifica pela importância em relatar, sob a perspectiva narrativa da inclusão e do cuidado, a respeito de meios e estratégias que viabilizem as vivências do mediador escolar no trabalho de inclusão de crianças com SD que necessitam de um acompanhamento mais específico, bem como pensar sobre as dificuldades e particularidades que ela implica.

Assim, nos propomos a responder a seguinte questão de pesquisa: quais as vivências de uma mediadora escolar no auxílio da inclusão de alunos com Síndrome de Down em escolas particulares no município de Castanhal-Pará?

Portanto, objetivamos neste trabalho relatar as vivências de uma mediadora escolar com uma aluna do 9.º ano com SD em uma escola particular na cidade de Castanhal/Pará, organizando-se o trabalho em uma parte introdutória, percurso metodológico, considerações sobre SD, o mediador escolar, análises e discussões, considerações mediadoras e referências.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa possui abordagem qualitativa, cuja premissa busca conhecer a experiência dos participantes em relação ao fenômeno objeto da sua investigação (VILELA;

BORREGO; DE AZEVEDO, 2021). Ainda tem caráter descritivo narrativo (SAHAGOFF, 2015) em que os dados obtidos na pesquisa podem ser coletados de forma oral e/ou escrita, cabendo ao pesquisador decidir qual delas se adequa mais ao perfil de seu estudo.

A escola particular foi escolhida pelo fato da autora estar vivenciando a mediação escolar com uma aluna do 9.º ano do ensino fundamental com SD. A coleta de dados se deu pelas observações participantes e registros em caderno de campo. Bem como, das inter-relações entre mediadora e aluna no primeiro semestre do ano de 2023.

No que se refere à sistematização dos dados analisados, a rotina de trabalho da mediadora era de 30 horas semanais distribuídas no turno da manhã, acompanhando o calendário escolar. A sala de aula de atuação de mediação escolar era a sala de aula regular e a biblioteca quando necessário. A dinâmica de mediação escolar da sala de aula era organizada em pequenos grupos e a aluna era incluída em um desses grupos e a mediadora ficava responsável por acompanhar e repassar de forma mais clara a explicação do professor.

Os resultados relacionados à mediação escolar foram organizados em 4 categorias: 1) Vivências nas mediações de observações participantes; 2) Vivências nas mediações sócio emocionais; 3) Vivências de mediações em interações sociais; e 4) Vivências de mediação no processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down, também conhecida como trissomia do cromossomo 21, é uma anomalia cromossômica caracterizada pela presença de um cromossomo extra no par 21, o que leva a um conjunto de anomalias fenotípicas (BRUNONI, 1999, p. 32). Sendo descoberta em 1866 por John Langdon Down, um médico pediatra inglês do Hospital John Hopkins em Londres. Na época Down relacionou de forma errônea esta síndrome com aspectos étnicos designados indesejadamente de “idiotia mongoloide” (MOREIRA, EL-HANI, GUSMÃO, 2000).

As características físicas comuns incluem olhos amendoados, rosto redondo, orelhas pequenas, ponte nasal achatada e língua que pode se projetar ligeiramente para fora da boca. A síndrome sendo uma condição heterogênea, existem variações no desenvolvimento cognitivo e emocional entre os indivíduos com essa síndrome (CASARIN, 2005, p. 264).

A Síndrome de Down não é uma doença, mas uma condição genética que requer atenção médica e suporte ao longo da vida. (BRUNONI, 1999, p. 31). Assim, há características socioemocionais que incluem habilidades sociais, empatia, dificuldade de comunicação, laços familiares fortes, sensibilidade às emoções do outro e desenvolvimento

emocional mais lento. No desenvolvimento cognitivo, há uma gama de habilidades intelectuais que variam de deficiência intelectual leve a moderada.

Outro ponto importante é as dificuldades de aprendizagem, na fala e na linguagem e podem precisar de apoio adicional em sua educação e desenvolvimento, como bem exemplifica (CASARIN, 2005, p. 284) que a compreensão dos aspectos psicológicos da Síndrome de Down é fundamental para garantir uma abordagem adequada.

Nesse viés, quando fazemos uma reflexão sobre a inclusão no contexto educacional entendemos que a educação inclusiva é um movimento que vai além do aspecto técnico da educação, ela envolve toda a sociedade na construção de uma sociedade mais igualitária e democrática (CARVALHO, 2014, p. 14).

MEDIADOR ESCOLAR

Com o crescimento e propagação da ideia do mediador escolar, despontou a necessidade de se estudar mais a fundo o assunto (CARVALHO, 2017). Para o autor, a variação na nomenclatura também dificulta pesquisas mais amplas. Em inglês, por exemplo, pode-se encontrar com o nome de *Teacher Assistant*, *Instructional Assistant*, *Special Education Teaching Assistant*, *Special Education Paraprofessional*, *Teacher Aide*, *Paraeducator*, *Teaching Assistant*, *Special Education Aide*, *Special Education Instructional Assistant*, *Shadow Aide*.

Conforme Mousinho *et al* (2010), no Brasil, já surgiram expressões como facilitador escolar, tutor escolar, assistente educacional e mediador escolar. Esta última denominação parece melhor explicitar a função de quem acompanha a criança de inclusão em uma classe regular de ensino, terminologia que será utilizada doravante neste artigo.

A palavra "mediador" faz menção àquele indivíduo que media e mediar significa ficar no meio de dois pontos (WEISZFLOG, 2004). O conceito de professor mediador já foi utilizado em outro contexto para caracterizar aquele que "trabalha com a mediação pedagógica, significando uma atitude e um comportamento do docente que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos"(MENEZES; SANTOS, 2006).

A mediação pedagógica é fundamental para promover a participação, a socialização e autonomia dos alunos com síndrome de Down no contexto escolar. Ela envolve a criação de ambientes favoráveis e a utilização de recursos adequados ao ensino e aprendizagem (PIMENTEL, 2019, p. 67).

A partir disso, o mediador ou também conhecido como facilitador escolar possui um papel importantíssimo no contexto escolar e também familiar para atuar enquanto “facilitador”, “instigador” ou “motivador” da aprendizagem de cada aluno, colaborando a disposição para ser uma ponte para transferir conhecimento e facilitar a aprendizagem.

Nesse sentido, a mediação escolar é um ponto-chave para o desenvolvimento do aluno (CARVALHO, 2014, p. 48) diz que o professor é um elemento fundamental no processo de educação inclusiva, pois, é ele o responsável por mediar a relação entre o aluno e o ambiente de aprendizagem. Assim como os processos de aprendizagem das pessoas com Síndrome de Down são complexos e devem ser considerados de forma individualizada (CASARIN, 2005, p. 271).

VIVÊNCIAS NAS MEDIAÇÕES DE OBSERVAÇÕES PARTICIPANTE

As observações mediadoras realizadas na escola revelaram aspectos importantes para compreensão dos caminhos vivenciados durante o processo de inclusão da aluna com SD. A entrada da aluna em sala é acompanhada pela babá, que geralmente a leva até a porta da sala de aula, o que nos revela uma jovem com pouca autonomia.

Essa narrativa, nos leva a reflexões, conforme Brasil (2013), que não é possível prever qual o grau de autonomia que uma criança com SD terá na sua vida adulta. O potencial a ser desenvolvido é sempre uma fronteira a ser cruzada diariamente. No entanto, é consenso para as equipes que atuam no cuidado da pessoa com SD que todo investimento em saúde, educação e inclusão social resulta em uma melhor qualidade de vida e autonomia. O que corrobora com Freire (1996, p. 25) destaca que “a autonomia não é um estado já pronto, mas um processo que se faz e refaz”.

Durante a primeira aula no horário de 07h:15 às 08h:00 a aluna ficava sem a mediadora presente, pois, a escola estipulou o segundo horário para a mediadora entrar, normalmente eram aulas de geografia, inglês, matemática e projeto de vida. Nesse período em que estava em sala de aula os professores presentes ajudavam ela com tarefas das suas respectivas disciplinas.

Podíamos perceber que ela atendia alguns comandos com facilidade, outros eram mais complexos, pois, a aluna não costumava falar, era bem retraída e conseqüentemente a comunicação entre professor e aluna era comprometida.

O atraso na aquisição da fala e linguagem constitui um dos maiores problemas encontrados pelos pais de crianças com SD (RANGEL; RIBAS; 2011, p. 22). Encontram-se

com dificuldades no atraso e desenvolvimento da fala, dificuldade na articulação e pronúncia devido às diferenças anatômicas na língua, como palato mais estreito ou língua maior.

Assim como, vocabulário limitado com frases curtas e gramática simplificada, dificuldades de compreensão e comunicação não-verbal. Mesmo com as dificuldades de comunicação, a equipe multidisciplinar deve trabalhar de forma integrada e participativa, visando promover o desenvolvimento e a autonomia da pessoa com SD (Ministério da Saúde, 2013, p. 26).

Quanto ao processo de alfabetização, observa-se que a aluna sabia fazer o próprio nome e também identificava a sua turma escrevendo no cabeçalho, ela conhecia as sílabas, sabia ler mas, ainda com muita dificuldade e lendo muito baixo. Quanto à matemática, ela precisava de muito auxílio para as operações básicas. As atividades propostas geralmente eram para atividades práticas do dia a dia, conhecimentos que a aluna precisaria para o seu cotidiano. Com isso, tínhamos muitos estímulos para melhorar a leitura, atividades sobre o sistema monetário e atividades de pinturas que ela gostava.

O atraso na leitura e limitações no desenvolvimento cognitivo da aluna são explicadas em Casarin (2005, p. 267) em que "as crianças com SD apresentam uma grande variação em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Algumas delas podem ter uma maior facilidade para aprender do que outras, mas todas têm o direito de ter acesso à educação e à inclusão social".

Com isso, observa-se, como descreve Vygotsky (1984, p. 122), que o "processo de aprendizagem não pode ser reduzido à simples imitação" como as limitações que a aluna apresentou, mas sim compreendido como uma assimilação ativa e criando formas culturais para trabalharmos isso.

A turma em que a aluna estava incluída era uma turma regular de 9.º ano. A turma era composta de 43 alunos entre 13 (treze) a 14 (quatorze) anos, sendo a aluna com 21 (vinte e um) anos, a turma continha 11 professores das disciplinas que compõem o componente curricular dos anos finais do ensino fundamental. Na sala de aula, a mediadora atendia a aluna de 8h às 12h.

Entendemos, que a mediadora possuía um papel importante no processo de inclusão da aluna, haja vista que a mediação é a principal característica da atividade mental humana, que permite a construção de conceitos, a compreensão de significados e a organização do pensamento abstrato (VYGOTSKY, 1984, p. 152).

A mediadora na época desta pesquisa possuía 23 (vinte e três) anos e ingressou na função de mediadora em Maio de 2023, sendo estudante em formação do curso de Licenciatura plena em Pedagogia na UFPA/CCAST. Trabalha 30 (trinta) horas semanais no

turno matutino atendendo a aluna com SD, e quando ela estava ausente, a mediadora atendia outros alunos com necessidades educacionais especiais, como alunos com autismo e paralisia cerebral. Sua função era dar apoio ao trabalho do professor regente, ou seja, mediar a aprendizagem com o intuito de facilitar a inclusão dos alunos.

Outra característica marcante do processo de inclusão da aluna com SD é que as atividades realizadas em sala de aula não tinham um rendimento tão satisfatório, devido à agitação da sala de aula e logo a aluna perdia o foco ou a explicação da mediadora ia de encontro a explicação simultânea dos professores.

Buscando facilitar a aprendizagem, a aluna era levada para a biblioteca ou para uma sala reservada em que a mediadora fazia as atividades propostas e logo voltava para a sala. Se observou que a aluna gostava de estar em sala, pois era o momento em que ela se sentia parte do meio.

Schwartzman (1999, p. 134) bem exemplifica isso quando diz que a escola é o lugar privilegiado para a inclusão social da criança com SD, pois é nela que se produzem os saberes que a sociedade valoriza, os conhecimentos que propiciam a emancipação, as competências que habilitam para o trabalho e a cidadania.

Durante o intervalo, a mediadora acompanhava a aluna de longe, observou-se que ela interagiu pouco com os colegas, às vezes queria sentar reclusa em uma mesa comendo sozinha e observando o intervalo. Entre as amigas que ela tinha, havia uma aluna da sala que tentava se aproximar, trazendo estratégias que buscassem estimular seu desenvolvimento, como o uso de jogos e brincadeiras. A estimulação da linguagem oral e escrita por meio de jogos é algo importante a ser realizado (PELOSI, SILVA, SANTOS, REIS, 2018, p. 535).

VIVÊNCIAS NAS MEDIAÇÕES SÓCIO EMOCIONAIS

Considerando conversas informais com professores da escola, verificou-se que a aluna com SD, está na escola desde o quarto ano dos anos iniciais do ensino fundamental e sempre estudou no período matutino, é válido ressaltarmos que no ano em que ela passou para o 6.º ano, ingressando nos anos finais tendo toda a mudança de professores e ambiente diferenciado com disciplinas regulares, também foi o ano das aulas remotas, em que houve a pandemia da COVID19.

Assim, com o intuito de conhecer mais a aluna e seus comportamentos sócio emocionais, a mediadora conversava com a família e foi relatado que durante esse período de isolamento social a aluna começou a apresentar sintomas de ansiedade e depressão. Ela ficou

retraída e passou a não ter mais contato com os colegas, pois, as aulas estavam acontecendo de forma online, a família relatou que foi um período difícil.

A aluna estava sempre retraída, verbalizando pouco e com o semblante aparentemente triste. Conforme o movimento Down (2013) a maioria das crianças com SD estará em um estágio de desenvolvimento social e emocional anterior aos de seus colegas devido às dificuldades de aprendizagem. Além disso, é mais difícil para elas absorverem convenções de maneira intuitiva. Como consequência, seu entendimento de mundo será menos avançado e seu comportamento pode estar mais equilibrado com o de crianças mais novas.

Marques (2016, p. 89) explica os aspectos cognitivos e emocionais da SD, a escolarização de alunos “requer uma avaliação contínua e sistemática do processo de aprendizagem”, que leve em conta não só os aspectos cognitivos, mas também os emocionais, sociais e comportamentais desses alunos. É preciso identificar suas dificuldades e potencialidades e planejar estratégias pedagógicas que atendam suas necessidades individuais.

VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÕES EM INTERAÇÕES SOCIAIS

Ao se fazer uma interligação entre o processo de interação social e a inclusão escolar de crianças com SD, é possível considerar que, ao entrarem na escola, a relação interpessoal com os colegas abre uma maior variabilidade de modelos e demandas para a aquisição de novas habilidades sociais (ANHÃO; PFEIFER; SANTO; 2010).

Assim, analisando os comportamentos da aluna, percebeu-se pouca interação com os colegas de sala e também com o restante dos alunos e professores da escola. Quando alguém cumprimentava ela com bom dia ou tentavam se aproximar ela gesticulava e falava bem pouco, somente falava quando falavam ou perguntavam algo a ela. Crianças com SD têm um desenvolvimento variado e é grande a diferença em relação à linguagem, sendo esse desenvolvimento mais lento (RANGEL; RIBAS; 2011, p 23).

Percebeu-se que a não verbalização da aluna por meio da fala era algo biológico, pois, segundo Barata e Branco (2010) a apraxia de fala e disartria são os distúrbios fonoarticulatórios mais comuns em indivíduos com SD. Vygotsky (1987, p. 58) corrobora descrevendo que “a linguagem é o mediador entre o indivíduo e o ambiente social.”. Com isso, percebeu-se a dificuldade de socialização da aluna e o quanto era difícil para ela se sentir parte do meio.

Nesse viés, o ambiente escolar ganha destaque como espaço para aprendizagem e desenvolvimento de habilidades sociais, tanto quanto a família, a escola é um importante microsistema promotor do desenvolvimento (LUCISANO, 2011).

Assim, a mediadora, os professores e a equipe da sala de recursos especiais propunham maneiras de estimular a fala da aluna, alinhando-se mediações destacadas por Lamônica e Ferreira-Vasques (2015, p. 41) da importância de estimular o desenvolvimento da linguagem e do adolescente por meio de atividades lúdicas e interativas, que favorecem a comunicação verbal e não verbal para promover a inclusão escolar de crianças com SD.

VIVÊNCIAS DE MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Nas vivências durante o processo de aprendizagem da aluna com SD, foram adotadas estratégias voltadas para suas necessidades educacionais especiais (NEE) como a adaptação de atividades realizadas pelos professores em conjunto com a mediadora, o livro usado por ela havia sido montado pela psicopedagoga da escola e as atividades práticas eram sempre pensadas a partir dos interesses da aluna, haja vista que ela se mostrava muito vaidosa e gostava de dança se pensava em atividades que contemplassem essas habilidades dela.

A educação inclusiva requer acomodações e modificações para atender às diversas necessidades dos alunos, o que pode beneficiar todos os alunos, criando um ambiente de aprendizado mais personalizado e flexível (CARVALHO, 2014, p. 124) A aluna possuía adequação curricular através do PDI e recebia atendimento na sala de recursos da escola uma vez por semana no turno vespertino.

Além desse apoio recebido na escola, a participação familiar fez total diferença, haja vista que a afetividade é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com SD. Conforme Casarin (2005, p. 277) é importante que a família e os profissionais que trabalham com ela criem um ambiente afetivo e estimulante, que valorize suas conquistas e desenvolvam sua autoestima.

Como também, a inserção de estudantes com necessidades especiais no sistema regular de ensino deve ser planejada de maneira a reunir em uma mesma turma, sujeitos com idades similares, que participem conjuntamente de todas as atividades escolares, ainda que tenham objetivos de aprendizagem com diferentes graus de complexidade (LUCISANO, 2011).

De forma prática percebeu-se nas vivências com a mediação a aluna com SD, que nas disciplinas de ciências humanas a aluna apresentava dificuldades na leitura e compreensão de textos, precisando de auxílio para fazer a leitura e a interpretação. Em História e Geografia ela apresentava um bom desenvolvimento aos conteúdos estudados.

Apenas necessitando de auxílio para exemplificar o conteúdo ao seu cotidiano, nesse caso se optou pela utilização de vídeos ou atividades de vida prática para melhor

entendimento. Em Filosofia foram usadas estratégias de textos e trabalhos práticos, apresentando retorno de aprendizagem.

Nas disciplinas de ciências exatas, a aluna iniciou seu desenvolvimento para entender cálculos mentais, precisando de auxílio da mediadora escolar para entender e contextualizar questões. Assim, para uma melhor compreensão, a mediadora fez uso do ábaco e jogos que facilitassem o processo de ensino e aprendizagem. Na disciplina de Ciências, percebeu-se uma facilidade, mas ainda precisa se contextualizar alguns conceitos.

CONSIDERAÇÕES MEDIADORAS

As narrativas desta pesquisa evidenciaram aspectos importantes para compreensão dos caminhos vivenciados durante o processo de mediação escolar para inclusão da aluna com SD. Demonstrando a importância da mediação para as crianças gerando autonomia, superação das dificuldades no atraso e desenvolvimento da fala e no desenvolvimento cognitivo de alunos com SD.

As vivências na mediação escolar, descrevem quanto à pesquisa também apontou que os desafios relacionados aos aspectos sócio emocional, de interação social e do processo de aprendizagem da aluna. Há um déficit, haja vista que foram observadas retrações, com pouca verbalização e interesse em socializar com seus pares, refletindo no rendimento escolar da aluna.

O caráter descritivo narrativo do estudo permite observar e compreender os comportamentos da aluna durante o estudo, entendendo que nessa condição de SD o desenvolvimento e a convivência com os demais são comprometidos. Assim, buscando o enfoque em ambientes inclusivos como uma estratégia produtiva para o processo de desenvolvimento da aluna.

Considera-se que as narrativas desta pesquisa vivenciar com uma aluna SD aponta caminhos para a importância da mediação escolar na efetivação de inclusão de alunos com SD, com reflexões sobre a necessidade de garantir mediações efetivas através de um melhor investimento no preparo de professores, do grupo e das famílias envolvidas no processo de aprender na escola, enfim, a formação de todos os atores para que, verdadeiramente, a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais possa ser efetivada.

Assim, considera-se fundamental a ideia da pesquisa para a contribuição da formação de pedagogos da UFPA e demais instituições. Como também, para aprofundamentos e contribuições de estudos futuros sobre a temática da inclusão e da SD.

REFERÊNCIAS

ANHÃO, Patrícia Páfaró Gomes; PFEIFER, Luzia Iara; SANTOS, Jair Lício dos. Interação social de crianças com Síndrome de Down na educação infantil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 16, p. 31-46, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000100004>> Acesso em: 18 Jul. 2023.

BARATA, Livia Fernandes; BRANCO, Anete. Os distúrbios fonoarticulatórios na síndrome de Down e a intervenção precoce. **Revista Cefac**, v. 12, p. 134-139, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-18462010000100018>>. Acesso em: 18 Jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down**. Brasília, 2013. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf> Acesso em: 18 Jul. 2023.

BRUNONI, D. Aspectos Epidemiológicos e Genéticos. *In*: SCHWARTZMAN, J. S. et al. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie: Memnon, 1999. p.32-43. Disponível em: <<https://memnon.com.br/dw-sd/>>. Acesso em 27 jul. 2023.

CASARIN, S. Aspectos psicológicos na Síndrome de Down. *In*: SCHWARTZMAN, J.S. (org.). **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon Mackenzie, 2005. p. 263-285. Disponível em: <<https://memnon.com.br/dw-sd/>>. Acesso em 27 jul. 2023.

CARVALHO, Paloma Sá. Considerações sobre o papel do mediador escolar: a função do cuidado. **Tempo psicanalítico**, v. 49, n. 2, p. 234-257, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 jul. 2023.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: Com os Pingos nos “is”**.10.ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. Disponível em <<http://bds.unb.br/handle/123456789/143>>. Acesso em 17 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em <<https://doi.org/10.18764/2446-6549.2019.10355>>. Acesso em 17 jul. 2023.

LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cuisn; FERREIRA-VASQUES, Amanda Tragueta. Habilidades comunicativas e lexicais de crianças com Síndrome de Down: reflexões para inclusão escolar. **Revista Cefac**, v. 17, p. 1475-1482, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-021620151756015>>. Acesso em 17 jul. 2023.

LUCISANO, Renata Valdívia et al . Interação social de crianças pré-escolares com síndrome de down. **Rev. NUFEN**, São Paulo , v. 3, n. 2, p. 97-115, dez. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200006&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 20 jul. 2023..

MARQUES, A. N. **Escolarização de aluno com síndrome de Down na escola: um estudo de caso**. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7964> >. Acesso em 20 jul. 2023.

MENEZES, E.; SANTOS, T. **Professor mediador** (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira-EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2006. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/professor-mediador/> >. Acesso em 20 jul. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf >. Acesso em 20 jul. 2023.

MOREIRA, Lília, Charbel N. El-Hani, GUSMÃO Fábio AF. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Revista Brasileira de Psiquiatria** 22 (2000): 96-99. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000200011>>. Acesso em 27 jul. 2023.

MOUSINHO, Renata; et al,. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. **Rev. Psicopedagogia**, v.27,n.82; 2010, p.92-108. Disponível em <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/223/mediacao-escolar-e-inclusao--revisao--dicas-e-reflexoes> >. Acesso em 27 jul. 2023.

MOVIMENTO DOWN. **Educação infantil**. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/2013/02/educacao-infantil/> Acesso em: 14 jul 23.

PELOSI, Miryam Bonadiu, et al. Atividades Lúdicas para o Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita para Crianças e Adolescentes com Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 24, p. 535-550, 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/ZMng7k5v8prOZ6zhqnHKnwK> >. Acesso em 27 jul. 2023.

PIMENTEL, S. C. **Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos**. Petrópolis: Vozes, 2019. (Coleção Educação Inclusiva). Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10562> >. Acesso em 27 jul. 2023.

RANGEL, Denise I.; RIBAS, Leticia P. Características da linguagem na Síndrome de Down: Implicações para a comunicação. **Revista Conhecimento Online**, v. 2, p. 18-29, 2011. Disponível em <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/170>>. Acesso em 27 jul. 2023.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. In SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO–SEPesq, 11., 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** UniRitter - Laureate International Universities, 2015. p. 1-7. Disponível em <<http://cienciasecognicao.org/cecnudcen/wp-content/uploads/2018/03/PESQUISA-NARRATIVA-UMA-METODOLOGIA.pdf> >. Acesso em 27 jul. 2023.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 1999. Disponível em < <https://memnon.com.br/dw-sd/> >. Acesso em 27 jul. 2023.

VILELA, Elaine Gomes; BORREGO, Cristhiane Lopes; DE AZEVEDO, Adriana Barroso. Pesquisa Narrativa: uma proposta metodológica a partir da experiência. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em < <https://doi.org/10.13037/rea-e.vol6n12.8129> >. Acesso em 27 jul. 2023.

VOIVODIC, M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em < <https://www.indicalivros.com/livros/inclusao-escolar-de-criancas-com-sindrome-de-down-maria-antonieta-ma-voivodic> >. Acesso em 27 jul. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf >. Acesso em 27 jul. 2023.

WEISZFLOG, W. **Moderno dicionário da língua portuguesa Michaellis**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

ANEXO

ANEXO A
AGENDAMENTO ORIENTANDOS(AS)
Prof. Dr. Carlos Rocha

2023				
Atividades	Meses			
	Jun	Jul	Ago	Set
Sumário (provisório)/introdução	X			
Revisão bibliográfica em desenvolvida em texto dissertativo	X	X		
Metodologia	X			
Elaboração instrumentos/técnicas	X			
Seleção participantes/coleta de dados	X			
Análise dos dados		X	X	
Redação texto dissertativo completo		X	X	X
Qualificação/defesa				X

*Formulário FAPED/UFPA/CCAST

Obs1: Em até 10 dias do pronto as atividades serão analisadas. Encontros presenciais para socialização/orientações serão marcados durante o agendamento. **O não cumprimento dos prazos implica em desligamento de orientação e encaminhamentos a coordenação do curso.**

Obs2: O orientado é que deve se preocupar e entrar em contato com o orientador sempre que achar necessário ou tiver dúvidas. Se atentem aos prazos regimentais de qualificação/defesa.

Assinatura orientando(a)